



VIII Anais

SIEFLAS

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E SAÚDE

2012
São Luis
maranhão

1978 SINTE 15012

ISBN: 978-989-8537-00-3
978-989-8537-01-0



31 DE JULHO A 3 DE AGOSTO

ADVERSIDADE E RESILIÊNCIA DE JOVENS PORTUGUESES EM MEIOS NATURAIS DE VIDA E EM LARES DE INFÂNCIA E JUVENTUDE

Judite Zamith-Cruz¹

RESUMO

Na União Europeia, Portugal foi o país que primeiro informou ter crianças/jovens de rua. Em 2011, com cerca de 10 milhões de habitantes, encontravam-se em acolhimento 8.938 crianças e jovens, um decréscimo de 2,2% relativamente a 2010, valores em Março de 2012 do Instituto de Segurança Social - ISS. Eram então menos as entradas do que as saídas (19,9%). Em 2012, ainda há jovens de rua em Portugal, mas também estão a aumentar os que são orientados para instituições de acolhimento.

Foi o Instituto e Apoio à Criança (IAC) que, logo em 1989, retirou cerca de 600 da rua. Na atualidade, são diferentes e quisemos conhecer novas realidades, em Lisboa e Braga: os fugitivos têm pais que podem trabalhar; já não são órfãos, que vêm de famílias alargadas e pobres; e têm escola, mas preferem ir ao centro comercial. A internet favorece a fuga e sobrevivem de expedientes como arrumar carros e prostituição. Ainda que certas pessoas não saibam amar os filhos, também as questões económicas, sociais e culturais não são de desvalorizar na negligência, violência familiar e abuso. Vivemos uma pobreza radical, quando à fome se acrescenta a falta de cultura de um povo e os “problemas de comportamento” evidenciam-se, em conformidade com o referido levantamento do ISS, na prevalência de 1.622, ou seja, 18,1%, cerca de mais 400 casos do que em 2010, sendo o nível etário dominante de 15-17 anos. O presente estudo de Investigação-Ação, no domínio psicossocial – social e afetivo, iniciado em 2012, abrange seis jovens fugitivos, de 13 a 18 anos, a viverem exploração sexual, trabalho infantil ou apanhados nas redes para a toxicod dependência e mendicância. Hoje não aludem tanto terem mães prostitutas ou serem batidas por padrastos. Os objetivos da investigação centram-se em querermos conhecer melhor jovens que vivem em “meios naturais de vida” ou institucionalizadas, relativamente aos seguintes aspetos: (1) (auto)proteção de condições/fatores adversos; (2) integração de uns quantos pilares de vida, forjados em experiências precoces; e (3) (aprendizagem de) tolerância face a adversidades, tendo enfrentado eventos traumáticos. Debater-se-á a limitada resiliência de quem viva em famílias “desestruturadas”. Com a mudança de vida, o desenvolvimento em lares/residências, onde se agudizam problemas de conduta reflete-se no modo como reagem a situações de tensão.

Palavras-chave: Adolescentes. Família. Institucionalização. Abuso. Resiliência.

¹ Doutorada em Psicologia. Universidade do Minho, Instituto de Educação, Departamento de Psicologia da Educação e Educação Especial. Campus de Gualtar 4710 - 057 Braga - Portugal. juditezc@ie.uminho.pt

1 INTRODUÇÃO

A violência vem ao de cima, fazendo mais vítimas em tempos de crise europeia. Na década de 2000 e 2011, por variadas razões, as casas tornaram-se locais de grande violência opaca e tortura para mais novos, mais velhos, mulheres e jovens. A degradação económica é acompanhada de degradação social, donde seja preciso formar melhores cidadãs e cidadãos, mais educados e senhores das suas vidas perante a lei.

Na adolescência cria-se um novo corpo e têm-se amigos, testam-se limites. Por acréscimo, no âmago da sexualidade expansiva, tanto se descobre alegria, intimidade e comunicação em casa, como disfunção, abuso e violência familiar. A diversidade sexual é enorme e salutar, mas não o é, quando seja prejudicial ao jovem.

A prevalência do maltrato em adolescentes, somente foi menor, para estudos americanos (SEDLAK & BROADHURST, 1996), porque aumentou muito a sinalização de crianças, no final do século XX. O que também denota a extensão dessa situação é que os adolescentes fogem e lutam. São “mal-educados”, lhes é diagnosticada “perturbação de oposição” (APA – DSM – IV – R, pp. 100-103) e “perturbação do comportamento” (pp. 94-99). São “culpados” por afrontarem os adultos, familiares e professores e, nessa sua “revolta”, tornam-se violentos, sobretudo quando foram fisicamente abusados. Na maioria os pais nem foram vítimas, nem são de níveis socioeconómicos “baixos”, à semelhança de pais abusadores de crianças. São observados “autoritários” ou “indulgentes” e, para disciplinarem, batem muito (COUNCIL ON SCIENTIFIC AFFAIRS OF THE AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION, 1993). De acordo mesma fonte, as consequências observam-se quando, sexualmente abusados, se tornam delinquentes juvenis, abusam de substâncias, elas engravidam, fruto de atividade sexual intensa ou precoce. A orientação sexual pode tardar e, como os que foram fisicamente abusados, podem sentir-se deprimidos e ansiosos.

Os adolescentes são mais influenciados pela família do que por colegas em valores e finalidades na vida (BROWN et al., 1986a), mas a área sexual é um “à parte”. Influenciados por pares e acreditando serem imunes a consequências sexuais (LAPSLEY, 1990; LAPSLEY et al., 1988), os jovens ainda nem têm um “bom”

juízo de si (o que é também comum em adultos), e não avaliam bem perigos (KOSSLYN & ROSENBERG, 2004, p. 514).

Encontra-se em fase inicial de um projeto de Investigação-Ação, que tem como intenção/objetivo central a intervenção no domínio sexual e social, em instituições de acolhimento de jovens em risco/perigo. Preocupamo-nos em estabelecer margens para o desenvolvimento na família (*meio natural de vida*), por contraste com lares de infância e juventude (LIJs). Buscámos um maior entendimento da superação de adversidade e resiliência. Pensa-se que maior policiamento possa ter o efeito contrário em delinquentes juvenis.

Expõem-se histórias-caso de seis jovens, de ambos os sexos, na maioria de 16-18 anos, a viverem na rua depois de fugirem de casa ou de residências de acolhimento. *Manuela* realizou pequeno furto de roupa, *Francisco* subsiste a arrumar carros, *Catarina* é fugitiva de LIJ, internada em hospital em estado de subnutrição, *Rui* foi preso por *carjacking*, *Manuel* vive de prostituição masculina e *Madalena* trabalha em bares. Enquanto quatro viviam em família monoparental, entre outras condições *naturais*, dois, rapaz e rapariga, fugiram de instituições e não querem voltar.

Um *meio natural de vida* é o que inclui além da família nuclear biológica, a família extensa ou adultos "idóneos". Nas residências (LIJs) que visitámos, focamos as condições de relação e cultura, que divergem do *meio natural*. Educadores que nelas trabalham são desejavelmente figuras de vínculo alternativo.

2 MATERIAIS E MÉTODO

O método de Investigação-Ação foi utilizado, globalmente no estudo em que entrevistámos os informantes-chave referidos e seis jovens em perigo, vivendo na rua.

Os adolescentes inquiridos têm todos nomes fictícios.

Segue-se um diálogo havido, entre mãe e filha implicada.

Mãe - A *Manuela* tomou banho, comeu e voltou a sair.

Técnica - É a terceira vez, que nos telefona, porque ela fuge...

Mãe - Pois é! Ela quer fazer tudo á maneira dela, entra em conflito...

Quem é *Manuela*? Tem 13 anos, é filha única e vive com a mãe, em uma grande cidade de Portugal. O pai é ausente, trabalhador no estrangeiro. Escreve-lhe somente "no Natal". Quando quis ir a uma festa, tentou roubar uma roupa, mas foi apanhada na loja. A mãe tinha-lhe dito não ter dinheiro para o *top*. *Manuela* fugiu e foi com a sua fotografia que a procuram dois técnicos de instituição que procura crianças de noite. A mãe veio a contactá-los, pensando que "foi passar a noite na casa da avó". A mãe tenderia a dar mais e a pedir menos, o que foi conduzindo a exigência da filha incomportável com o seu ordenado. A filha poderá ter faltado a intenção ou propósito de ser bem sucedida na escola e cinge-se a pretender possuir bens, roupas e adereços.

Segundo sugeriu a técnica que a procura, as crianças e jovens já não dormem na rua, quando fogem, mas os pais acreditam que estão em casa (ou em casa de familiares ou amigas) e não se encontram lá. Nessas situações, a negligência é encarada por "incapacidade de proporcionar a satisfação de necessidades básicas de higiene, alimentação, afeto, saúde e vigilância, indispensáveis ao seu crescimento e desenvolvimento normais" (CANHA, 2002).

Um rapaz, *Francisco*, aos 15 anos, passou a arrumar carros e deixou os pais. O seu absentismo e abandono escolar já eram evidenciados, anos antes, quando sofreu abuso repetido em casa, violência (APA - DSM - IV - R, p. 738) e foi conduzido a serviço de saúde. Os motivos sociais aliados aos fatores familiares predisponentes de risco contam-se entre os mais comuns: privação económica e tirania dos colegas, associado a recusa em ir à escola. Ates dos 13 anos, *Francisco* já chegava a casa tarde ou não voltava, segundo informantes da escola frequentada.

O risco educacional no adolescente calcula-se em 10%-20% - uma alta prevalência - entre outros tipos de necessidades educativas (necessidades educativas especiais e sobredotação), no Reino Unido (HARRISON et I., 2006). Em Portugal, foi avaliado em cerca de 1 milhão de alunos, dos ensinos básico e preparatório,

enquadrados em Dificuldades de Aprendizagem (problemas de atenção, memória, motivação, psicolinguísticas, comportamentais e emocionais...), mas as deficiências mentais são em muito menor número (WECHSLER, 2003).

Catarina não saiu de casa mas de uma instituição de acolhimento e passou a dormir na rua, até que se sentiu doente e foi para um hospital onde, identificada, a conduziram ao estabelecimento residencial. Mas voltou a fugir. Anteriormente à institucionalização, mas também depois de deixar a família nuclear, sabemos que lhe diagnosticaram uma “perturbação alimentar”: “anorexia” (APA – DSM – IV – R, pp. 583-589). A mãe apresentou uma perturbação mental, quando indicado o afastamento: depressão e tentativa de suicídio. A privação económica e social foi registada, na documentação do LIJ, tendo os pais desempregados e 5 irmãos. Dispôs-se a dar informação sobre companheiros e culpabilizou os pais, muitas vezes a mudar de cuidadores. Vivia em bairro violento e cedo passou a conviver com ameaças e criminalidade. O contexto social imediato não justifica que seja a disfunção de conduta a ser-lhe atribuída, quando tenha fugido e desobedeça a figuras de autoridade. A questão relacional veio a exacerbar a disfunção por repetidas fugas e a exigir uma consideração adicional de rutura de papel de mãe.

Quando se auscultam jovens e se fale com eles é diferente a avaliação. Aos 17 anos, *Rui* é impulsivo e disruptivo, revela hiperatividade e irrita-se. Foge, quando reconhecido por técnica que o caracteriza. Encontrámo-lo junto da carrinha onde jantou, mas recusou-se a voltar para a instituição onde foi colocado, depois de preso por *carjacking*. Não se demove de viver na rua. Muda de roupa, se tem que fugir para não ser apanhado. A técnica, como em outros casos, dá-nos indicações da sua vida anterior a ser colocado em residência: conflito duradouro entre os pais, o que se associou a problemas/perturbações de comportamento e perturbação emocional. Concomitante à agressividade é não se ter adaptado a cultura e relação na residência. Em família a disciplina era inadequada e a comunicação deficiente. Havendo problema conjugal, o rapaz evitava estar em casa.

Em geral associadas a delinquência juvenil (e abuso de substâncias), tanto *Rui*, como *Manuela*, rouba. Mas ele suplanta o furto menor dela. Já G. Stanley Hall (1904, vol. 1, p. 404) aproximou roubo e “semicriminalidade” nos rapazes do seu tempo.

A vagabundagem de ambos, entre outros, a promiscuidade, o abuso de substâncias e/ou o vandalismo e o comportamento irresponsável são indicadores de privações sociais e *mau desempenho* dos pais, encontrados em muitos delinquentes juvenis.

Ainda que técnicos tentem que deixem de se prostituir, menores pretendem ser maiores de idade, terem 18 anos, quando não é verdade.

Como outros, *Manuel* de 17 anos chega a “fazer 60 a 80 euros, por noite”, por prostituição masculina, pois, não quer regressar a instituição, precisando do dinheiro para se alimentar e manter um quarto, com outros. Em casa terá existido um ambiente austero e áspero do pai, o que pode ter conduzido, entre outros fatores, a diagnóstico - “perturbação do comportamento”. Propenso a assumir riscos sexuais (JOHNSTON et al., 1994; ARNETT, 1992; GOTTFREDSON & HIRSCHI, 1990), *Manuel* vive um período da adolescência tardia em que o comportamento é mais incerto. Entrou no lar de crianças e jovens antes dos 4 anos e a sua institucionalização foi excessivamente prolongada. Fugiu pela primeira vez aos 15 anos.

Com uma história de vida da mãe já problemática, a morar com raparigas mais velhas, *Madalena* (16 anos) circula por bares, sem se fixar numa localidade. Além de se lhe conotar a condição genética de “défice cognitivo” pode ter sofrido de fatores ambientais adversos – família e sociedade. Em anos transatos, o “problema escolar”, absentismo e abandono escolar, produziu fatores de adversidade, genética e ambiental. Tem que se atender a que passou a viver na rua aos 14 anos, na adolescência que tarda, com propensão a funcionalidade global de dependência de colegas.

3 RESULTAOD E DISCUSSÃO

As emoções dos seis jovens de rua, se são espontâneas, logo são veladas. Não querem falar de si mesmos por medo de denúncia.

Como se vê a identidade do «eu» afetado, por *ruptura de papéis* (pai, outro...)?

Nos interpelados, sem gosto de prazer e envolvimento mínimo com técnicos de rua, é escassa a expressão afetiva e, quando comunicam, salientam afetos *negativos* em relação a familiares ausentes ou a instituições com regras apertadas. Ausculta-se a incoerência (querem ser independentes sem competências de sustento) e imprevisibilidade. Evidencia-se a ambivalência (querem e não querem adultos) e a ambiguidade (invisibilidade em deixaram de ser diferentes).

Em contextos diversos há os que não têm sintomatologia, os resilientes. É menos comum, pois possuem recursos emocionais e cognitivos, até por suporte familiar ou amigo. Também há abusos cuja sintomatologia se desenvolve cerca de um ano depois (SAYWITZ et al, 2000), o que também é raro.

Importamo-nos com o abuso sexual. Ainda não compreendemos bem, porque é que certas pessoas desenvolvem interesse sexual por jovens como *Madalena*.

Na delinquência juvenil, o sexo não se integra nos relacionamentos íntimos, havendo uma dificuldade global da pessoa em lidar com a intimidade. Pode gerar-se uma exclusão e uma tendência a isolar a sexualidade do amor subjetivo.

No entanto, compreendemos a relação vitimização e poder, em que abusadores tenham sofrido abuso sexual. Mas nem todos sofreram abuso sexual.

Na adolescência descobre-se a identidade sexual, decorrente de integração de resposta sexual (sexologia), identidade de género (psicologia *queer*) e capacidade de relação diádica íntima (psicologia relacional). A resposta sexual integra-se (ou não) nos relacionamentos de confiança. Há quem não seja capaz de relação, sem poder e controlo do outro. Não há intimidade, quando o sexo serve para melhorar o *estado de ânimo*. Pode então gerar-se um comportamento sexual problemático – a adição sexual ou compulsão sexual. Quando os padrões sexuais envolvem certas preferências sexuais em homo- ou heterossexuais, desenvolvem-se parafilias.

Parece que será necessário voltar a ir à “raiz dos problemas”. Jovens em perigo já não se distinguem de outros no vestir e as famílias deixaram-nos para trás, mas nem sempre. Comunicam mais do que no passado mas fogem, atrás de namoros virtuais, sem que se saiba se voltam a casa. Não são tanto de nível económico “baixo” e comenta-se faltarem-lhes “valores”. À pobreza com fome veio a juntar-se a pobreza de cultura, ou seja, um tipo de pobreza conotada de radical.

4CONCLUSÃO

Vimos a assumir novos papéis em sociedades reguladas por normas estritas, enquanto se lida com mudanças físicas e psíquicas na adolescência, o que afeta as interações com pais (LAURSEN et. al., 1998), em particular delas com mães (COLLINS, 1990), sobretudo com divórcios (KOSSLYN & ROSENBERG, 2004, p. 515).

Não mudamos os genes em interação com o meio, mas podemos mudar o meio, tornando-o estimulante para quem não teve sorte e falhem relacionamentos. Nas histórias-caso auscultadas, os jovens vivem adversidades: história de vida da mãe problemática, relação com ela “difícil”, até admissão em instituição, idade de entrada precoce (anterior a 4 anos), tempo de permanência em instituição prolongado, condições de atendimento deficitário, *ratio* criança-adulto elevado, com implicações nefastas de ordem relacional.

O temperamento (*fácil, difícil ou de reação lenta*) e o apego/vinculação da criança (*segura, insegura-evitante, insegura-ambivalente*) influenciam o modo como se interage com cuidador e outros, socialmente e, inversamente, outros influenciam o processo de apego (SEIFER & SCHILLER, 1995).

ADVERSITY RESILIENCE AND YOUTH IN PORTUGUESE LIFE AND NATURAL RESOURCES IN HOMES FOR CHILDREN AND YOUTH

ABSTRACT

In the European Union, Portugal was the first country that reported having children / street youth. In 2011, about 10 million inhabitants, were in foster children and youth 8938, a decrease of 2.2% compared to 2010 figures in March 2012 the Institute of Social Security - ISS. They were then less inputs than outputs (19.9%). In 2012, there are still street youth in Portugal, but also are increasing that are oriented towards the host institutions. It was the Office and Child Support (IAC) that, as early as 1989, drew about 600 street. Currently, they are different and we wanted to meet new realities, in Lisbon and Braga, the fugitives have parents who can work, are no longer orphans, who come from extended families and poor and have school, but prefer to go to the mall. The internet favors the escape and survive by their wits how to fix cars and prostitution. Although some people do not know love their children, also the economic, social and cultural rights are not to devalue the neglect, family violence and abuse. Vivemos a radical poverty, hunger when you add the lack of culture and a people " behavior problems "are apparent, in accordance with said lifting of the ISS, the prevalence of 1622, ie, 18.1%, or more than 400 cases in 2010, the age range 15-17 years dominant . This study Research-Action in the psychosocial field - social and emotional, started in 2012, covers six young runaways from 13 to 18 years, living sexual exploitation, child labor or caught in nets for addiction and begging. Today they do not allude either prostitutes or mothers being beaten by padrastos. Os research objectives focus on wanting to know more about young people living in "natural ways of life" or institutionalized on the following aspects: (1) (self) protection conditions / adverse factors, (2) integration of a few pillars of life, forged in early experiences, and (3) (learning) tolerance of adversity and faced traumáticos. Debater events will be limited to the resilience of those who live in families "dysfunctional." With the change of life, developing in homes / residences, where more acute problems of conduct is reflected in how they react to stressful situations.

Keywords: Adolescents. Family. Institutionalization. Abuse. Resilience.

LAPSEY, D. Egocentrism theory and the "new look" at the imaginary audience and personal fable in adolescents. In: Lerner, R., Peterson, A. & Brooks-Gunn, J. (Eds.), *The encyclopedia of adolescence* (pp. 281-286). N.Y.: Garland, 1990.

LAPSEY, D. et alii. Self-monitoring and the "new look" at the imaginary audience and personal fable: An ego-developmental analysis. *Journal of Adolescent Research*, n. 3, p. 17-31, 1988.

LAURSEN, B.; COY, K.; COLLINS, W. Reconsidering changes in parent-child conflict across adolescent: A meta-analysis. *Child Development*, n. 69, p. 817-832, 1998.

SAYWITZ, K. et alii, J. Treatment for sexually abused children and adolescents. *American Psychologist*, n. 55, p. 1040-1049, 2000.

SEDLAK, A.; BROADHURST, D. *Executive summary of the third national incidence study of child abuse and neglect (NIS-3)*. Washington DC: U.S. Department of Health and Human Services, 1996.

SEIFER, R.; SCHILLER, M. The role of parenting sensitivity, infant temperament, and dyadic interaction in attachment theory and assessment. In: Waters, E, Vaughn, E., Posada, G. & Kondo-Ikemura K. (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behaviour and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, (n. 244, p. 146-174), 1995.

WECHSLER, D. *Manual da Escala de Inteligência para Crianças – revisão portuguesa III*. Lisboa: CEGOC, 2003.